

A flexibilização dos usos sociolinguísticos em contexto escolar no município de Aquidauana-MS

La flexibilización de los usos sociolingüísticos en un contexto escolar en el municipio de Aquidauana-MS

Cristiane Schmidt¹ , Sonia Sanches da Silva² 

Cristiane Schmidt¹ Universidade Federal de Mato Grosso do Sul, Brasil, Doutora em Letras, e-mail:

cristiane_schmidt@ufms.br

Sonia Sanches da Silva² Universidade Federal de Mato Grosso do Sul, Brasil, Bacharela em Letras, e-mail:

sonia.sanches@ufms.br

RESUMO

O presente estudo sobre a flexibilização dos usos sociolinguísticos para alunos do 7º ano na Escola Estadual Marly Russo Rodrigues, no município de Aquidauana-MS, possibilita demonstrar por meio de fatos que a linguagem não deve ser analisada apenas como uma ferramenta de comunicação, mas, sim, como eixo principal da expressão da cultura e sua identidade, e do meio social no qual o aluno está inserido, tendo suas vivências identificadas e relacionadas no âmbito escolar e na sociedade. Para tanto, fundamenta-se a sociolinguística, explorando seus conceitos, origens, e objetos no contexto escolar. Neste estudo, foi proposto mediante aos procedimentos metodológicos, uma abordagem qualitativa, utilizando técnicas de pesquisa participativa com informantes e observação direta, levantamento bibliográfico, definidos por etapas. O estudo concebe discutir os resultados dos dados sociolinguísticos relacionados aos extralinguísticos, traçando um perfil sociolinguístico. Portanto, a pesquisa resultou através do perfil, a existência da diversidade linguística usada no meio estudantil, enaltecendo, assim, a importância da flexibilização desses usos linguísticos para uma educação inclusiva e eficaz, preparando uma sociedade mais engajada com uma educação diversificada e eficiente.

Palavras-chave: Usos Sociolinguísticos. Flexibilização. Contexto de ensino.

ABSTRACT

El presente estudio sobre la flexibilización de los usos sociolingüísticos para estudiantes de 7º grado de la Escuela Estatal Marly Russo Rodrigues, en el municipio de Aquidauana-MS, permite demostrar a través de hechos que el lenguaje no debe ser analizado solo como una herramienta de comunicación, sino como el eje principal de la expresión de la cultura y su identidad. y el entorno social en el que se inserta el alumno, teniendo identificadas y relatadas sus experiencias en el ámbito escolar y en la sociedad. Para ello, se fundamenta la sociolingüística, explorando sus conceptos, orígenes y objetos en el contexto escolar. En este estudio se planteó un abordaje cualitativo a través de procedimientos metodológicos, utilizando técnicas de investigación participativa con informantes y observación directa, relevamiento bibliográfico, definido por etapas. El estudio tiene como objetivo discutir los resultados de los datos sociolingüísticos relacionados con los datos extralingüísticos, esbozando un perfil sociolingüístico. Por lo tanto, la investigación resultó a través del perfil, la existencia de diversidad lingüística utilizada en el entorno estudiantil, elogiando así la importancia de flexibilizar estos usos lingüísticos para una educación inclusiva y efectiva, preparando una sociedad más comprometida con una educación diversificada y eficiente.

Keywords: Usos sociolingüísticos. Flexibilización. Contexto de enseñanza.

1 INTRODUÇÃO

O ser humano, desde o início de seu desenvolvimento, vale-se da linguagem para expressar suas vontades, sentimentos, necessidades, ao mesmo tempo em que interage com o contexto social. Diante desta relação entre a linguagem e o seu meio de uso, Dantas apresenta a definição de que “A Sociolinguística é o ramo da Linguística, que estuda a língua em uso no seio das comunidades de fala, correlacionando aspectos linguísticos e sociais” (Dantas, 2017, p. 11).

A importância relacionada aos estudos sociolinguísticos desconstrói a versão dos preconceitos linguísticos e promove contribuição para o seu fortalecimento “ao buscar descrever o padrão real que a escola, por exemplo, procura desqualificar e banir como expressão linguística natural e legítima” (Mollica, 2004, p.13).

O ensino da língua materna enfrenta alguns desafios, como quando procuram impor um modelo padrão linguístico por meio oral ou escrito usado pelos alunos na escola. Desta forma, os professores dedicam-se a ensinar usando a norma padrão com o uso de elementos gramaticais tradicionais e com a memorização, bem como o uso de textos autênticos entre outros.

Com isso, ao contrário do que deveria ser, a escola transforma uma média muito grande das variedades linguísticas utilizadas em seu ambiente pelo seu uso normal padronizado. Os padrões considerados ideais são determinantes para que as pessoas, em especial os alunos, possam fazer o seu uso, mostrando que a cultura faz parte do seu contexto e que derivam dos resultados de como qualquer pessoa se comporta nas mais variadas situações (Rodrigues, 2002).

Considerando isso, em contato com os Estudos Sociolinguísticos¹, assim como participante do Programa de Residência Pedagógica² (desde 2022) na Escola Estadual “Professora Marly Russo Rodrigues”, localizada no município de Aquidauana-MS, buscou-

¹ Sociolinguística e ensino: Introdução ao estudo da linguagem no contexto social. As dimensões interna e externa da variação linguística. Variação e mudança linguística e Teoria da Variação - Sociolinguística estão inseridas na matriz curricular mediante ao PPC do curso de Letras da UFMS/CPAQ.

² O Programa Residência Pedagógica é um programa da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior-CAPES, que tem por finalidade fomentar projetos institucionais de residência pedagógica implementados por Instituições de Ensino Superior, contribuindo para o aperfeiçoamento da formação inicial de professores da educação básica nos cursos de licenciatura.

se aliar a prática com a teoria, ao observar os usos linguísticos de jovens falantes oriundos de diversos bairros e distintas classes sociais. Ao interagir com os alunos e demais falantes inerentes ao meio escolar, foi possível constatar que os mesmos se comunicam em distintas formas linguísticas, as quais se distanciam dos critérios da norma padrão.

Dessa forma, duas questões centrais norteiam essa investigação, a saber:

- (i) Quais são os usos sociolinguísticos de alguns alunos do 7º ano da Escola Estadual Marly Russo Rodrigues no Município de Aquidauana-MS, colaboradores deste estudo?
- (ii) Em que medida esses usos da língua diferem ou se aproximam da norma padrão do português brasileiro?

Portanto, o estudo vale-se dos pressupostos teóricos e metodológicos da Sociolinguística que relacionam a diversidade linguística e sociocultural com o contexto de ensino. Ao mesmo tempo, visa pesquisar esse contexto educacional procurando explorar e analisar a flexibilização dos usos sociolinguísticos, principalmente no âmbito da sala de aula, em específico o 7º ano do ensino fundamental de uma escola situada na cidade de Aquidauana-MS.

1 REFERENCIAL TEÓRICO

2.1 A SOCIOLINGUÍSTICA: ORIGEM, CONCEITO E OBJETO

A Sociolinguística é uma área da Linguística que possibilita fazer o uso do estudo da língua na sociedade levando em consideração suas interações em meios sociais e linguísticos (Mollica; Braga, 2004).

Fernando Tarallo (2005) ressalta a importância da língua falada antes mesmo de entrar nos conceitos linguísticos e propõe por meio de sua obra compreender diferentes ações de enfrentamento com relação ao “caos” linguísticos:

Tudo aquilo que não pode ser prontamente processado, analisado e sistematizado pela mente humana provoca desconforto. Na verdade, a reação humana frente ao caos, seja ele de que natureza for, é de ansiedade. Este livro propõe a você maneiras possíveis de se combater o ‘caos’ linguístico: você irá enfrentar o desafio de tentar processar, analisar e sistematizar o universo aparentemente caótico da língua falada (Tarallo, 2005, p. 5).

O devido estudo sobre a sociolinguística busca demonstrar também vários fatores como o envolvimento no meio social, faixa etária, sexo, entre outros, fazendo seu uso e correlacionando-os com as demais diversidades e complexidades. Podendo ainda fazer uma análise sobre a heterogeneidade e dinamismo do sistema da língua usada, observando, também, a posição do professor quanto à execução do planejamento das aulas tendo como um ensaio para as práticas discursivas orais envolvendo professores e alunos (Dantas, 2017).

De acordo com Von Borstel (2002), no estudo da sociolinguística o objetivo é:

A sociolinguística é o estudo da relação de língua e sociedade e objetiva investigar o grau de estabilidade ou de mudança da variedade linguística em uma determinada comunidade *de fala*, descrevendo seu comportamento preditivo, com base em teoria e métodos de estudos linguísticos quantitativos e qualitativos (Borstel, 2002, p. 168).

De acordo com Labov (2008), o estudo da sociolinguística que deu-se no início de 1960, procurou se dedicar a relação entre aspectos linguísticos e a sociedade, tendo, contudo, uma diversidade de estudos na mesma temática e, entre esses aqueles que se debruçaram sobre os idioletos:

Apesar de um considerável volume de atividade sociolinguística, uma linguística socialmente realista parecia uma perspectiva remota nos anos 1960. A grande maioria dos linguistas tinha se voltado resolutamente para a contemplação de seus próprios idioletos (Labov, 2008, p. 13).

O principal objetivo de Bagno (2007) era de corroborar com os conceitos sobre a sociolinguística, destacando a junção da sociedade e a língua falada:

O objetivo central da sociolinguística, como disciplina científica, é precisamente relacionar a *heterogeneidade linguística* com a heterogeneidade *social*. Língua e sociedade estão indissoluvelmente entrelaçadas, entremeadas, uma influenciando a outra, uma constituindo a outra. Para a sociolinguística, é impossível estudar a língua sem estudar, ao mesmo tempo, a sociedade em que essa língua é falada, assim como também outros estudiosos – sociólogos, antropólogos, psicólogos sociais etc. – já se convenceram que não dá para estudar a sociedade sem levar em conta as relações que os indivíduos e os grupos estabelecem entre si por meio da linguagem (Bagno, 2007, p. 38).

Monteiro (2000) propôs analisar a sociolinguística em duas etapas definidas como macrosociolinguística que considera no estudo geral e correlaciona a sociedade e suas relações com sua língua usada, podendo assim debater o termo multilinguismo no âmbito político e econômico assimilados por um governo. E a microsociolinguística que estuda as demais

estruturas linguísticas, bem como todos os demais fatores sociais e econômicos, usando como base, dados correlacionados, a fim de possibilitar o uso de ações coordenadas variáveis.

Ainda usando como base conceitual a autora Ricardo-Bortoni, em suas concepções corrobora sobre o uso do dialeto do meio rural tais como “dispois”, “inté”, que entre outros não são usados corriqueiramente no espaço urbano e que, ao se fazer o uso, é recebido de forma satisfatória pelas áreas urbanas (Bortoni-Ricardo, 2004).

Assim, a preocupação no meio educacional ganha mais força, principalmente na sociolinguística que mostra, através das suas referidas análises, como a escola desenvolveu-se, abordando um leque de variedades, dentre elas o uso de redes sociais e étnicas, sendo elencados como eixos de estudo e debates além do campo educacional.

Desde o seu berço a Sociolinguística, tanto na sua vertente variacionista quanto na sua vertente qualitativa, demonstrou preocupação com o desempenho escolar de crianças provenientes de diferentes grupos étnicos ou redes sociais. Desde então muito tem contribuído para os avanços na pesquisa das questões educacionais em diversos países do mundo, principalmente nas últimas quatro décadas (Bortoni-Ricardo, 2009, p. 2).

Considerando a pesquisa como marco significativo à sociolinguística, vale ressaltar suas variações, pois é apresentada como uma língua central e materna, levando em conta que é considerada em uma área complexa como a educação. Ao contextualizar mais sobre as variedades sociolinguísticas, deve-se ressaltar que a variação linguística é muito usada durante a fala, e seus usos e formas conhecidos no campo da sociolinguística como variantes, pois possibilitam fazer suas aplicações de diversas formas existentes e sempre considerando de fato o seu teor de forma coesa e verdadeira em um mesmo contexto.

Diante dessas disparidades sociolinguísticas, o preconceito linguístico é ainda latente na sociedade, é o que reforça Bagno em sua obra (*Preconceito linguístico o que é, como se faz*, 2007):

O preconceito linguístico se baseia na crença de que só existe, como vimos no Mito nº 1, uma única língua portuguesa digna deste nome e que seria a língua ensinada nas escolas, explicada nas gramáticas e catalogada nos dicionários. Qualquer manifestação linguística que escape desse triângulo escola- gramática-dicionário é considerada, sob a ótica do preconceito linguístico, “errada, feia, estropiada, rudimentar, deficiente”, e não é raro a gente ouvir que “isso não é português” (Bagno, 2007, p. 39).

Cyranka (2009) destaca que é importante lançar um estudo mais específico sobre a variação linguística, mas sempre levando em consideração o advento das variantes e suas diversas formas de uso bem como o respeito às suas raízes linguísticas.

Com uma visão mais ampla, e considerando vários autores relacionados com a temática apresentada por Márluce Coan (2007), faz considerações em seus estudos sobre a variação linguística, levando em conta a explicação do fenômeno dessa mudança linguística e expondo vários fatores linguísticos e sociais, bem com suas estruturas sociolinguísticas variáveis.

Além disso, segundo os autores, um grande número de variáveis estudadas revela uma estrutura sociolinguística complexa, na qual o valor da variável é determinado por vários fatores linguísticos e sociais (restrições). Esses fatores entram como ferramenta básica para explicar o mecanismo da mudança. Enquanto a língua muda, não há nenhum problema de comunicação, então, a sistematicidade não é perdida como poderíamos, erroneamente, supor. Mas deve haver algo que justifique a mudança. Se não é uma questão de economia, nem de resolução de ambiguidades, por que a língua muda? Por hipótese, supomos que a mudança decorre de diferentes mudanças de sentido que passam a aparecer (Coan, 2007, p. 16).

Coelho (2007) ressalta que a variação linguística por muitas vezes foi considerada distante dos conceitos disponibilizados por muitos professores. Essa variação no campo linguístico usa formas que conseguem propor sua aplicabilidade em todo o seu contexto educacional.

De acordo com Bagno (2007b), o conhecimento prévio dos seis níveis de variação linguística para que o professor possa usá-las na sala de aula são:

A variação fonético-fonológica – diz respeito ao som da pronúncia das palavras que podem ser realizadas de diferentes maneiras, dependendo do grau de instrução do indivíduo ou sotaque, como por exemplo: a palavra porco e tia são pronunciadas de diferentes maneiras no português brasileiro; **A variação morfológica** – É a maneira de flexionar certas palavras, por exemplo: as palavras; “pegajoso e peguento” apresentam terminações (sufixos) diferentes para mostrar a mesma coisa, ideia ou significado; as palavras cidadãos e cidadões, também apresentam terminações diferentes, mas possuem o mesmo significado; **A variação sintática** – Consiste nas diferentes maneiras de combinar os signos linguísticos para formação de sentenças, ou seja, a construção de inúmeros enunciados que possuem significados semelhantes, diz respeito à estruturação dos elementos sintáticos, ou seja, a maneira em que as palavras estão organizadas nas frases, exemplo: um filme que ninguém sabe o final / um filme que ninguém sabe o final dele / um filme cujo final ninguém sabe; **A variação semântica** – Quando a palavra possui a mesma pronúncia e escrita, porém com significados diferentes, ou seja, é a variação decorrente do significado de uma determinada palavra, à proporção que a pronúncia e escrita é a mesma, só muda o sentido. Por exemplo: a palavra peteca num determinado contexto cultural pode

significar brinquedo infantil cuja ação limita-se em jogá-lo para cima sem deixar cair no chão, ou baleador de pássaros, todo sentido dependerá da origem geográfica do falante; **Variação lexical** – quando as palavras diferenciam-se tanto na pronúncia quanto na escrita, porém diz a mesma coisa, exemplo: “mijo, xixi, urina”, também pode ocorrer variação diatópica, aquela que ocorre em razão da região geográfica, a citar a palavra abóbora que pode ser chamada de jerimum, dependendo da região geográfica em que o legume é encontrado; **Variação estilístico-pragmática** – mostra os diferentes jeitos de falar as mesmas coisas, correspondem a situações de uso enfatizando o grau de formalidade, a saber, que o mesmo indivíduo pode diversificar sua fala, dependendo do momento, ambiente e local ao qual está inserido (Bagno, 2007b, p. 39-40).

Portanto, a variação linguística consegue estabelecer marcas em várias partes, principalmente nas comunidades em que a fala é o instrumento principal da comunicação, e que assim o indivíduo tem a sua própria fala levando em conta o contexto social e econômico do seu entorno. Contudo, esse jeito de falar pode não ser de fato um processo de entendimento, mas torna-se reconhecido na sua maneira de expressar e o papel nesse momento é do professor, onde os erros são mínimos perto dos jeitos e maneiras diferentes no ato da fala (Bortoni-Ricardo, 2009, p. 38).

2.1.1 A SOCIOLINGUÍSTICA NO CONTEXTO ESCOLAR

As experiências vividas na sala de aula proporcionam reconhecer os diferentes usos linguísticos pelo aluno no âmbito escolar, a fim de trazer uma devida reflexão linguística. Deve-se destacar o português e sua variação usada na esfera escolar, ganhando destaque para os principais conceitos teóricos como: monitoração estilística, urbanização, letramento e também da oralidade, bem como sua base continuidade variedade urbanas padronizadas, variedades isoladas e áreas urbanas e rurais (Bortoni-Ricardo, 2004).

Como exemplificação disso, Ricardo-Bortoni (2004), corrobora sobre o uso do dialeto do meio rural, destacando que usos linguísticos como “dispois”, “inté”, não são usados corriqueiramente no espaço urbano e que, ao se fazer esse uso, é recebido de forma satisfatória pelas áreas urbanas.

Neste caso, Vanessa Severo Alves (2019) destaca:

O principal objetivo da sociolinguística educacional é o de pensar e construir novas metodologias que auxiliem professores a desenvolver em seus alunos as habilidades necessárias a uma aprendizagem mais efetiva. Levando em consideração os pressupostos da sociolinguística educacional, seria viável que os livros didáticos

fizessem grande proveito da variação linguística em suas edições, todavia é fato que os acervos didáticos não oferecem a atenção necessária a esse tipo de linguagem à proporção que dão maior preferência à língua padrão (Alves, 2019, p.15).

Para o melhor entendimento da sociolinguística, Soares (1995) expõe seu ponto de vista como:

Uma perspectiva sociolinguística, que pesquisa as relações entre língua oral e língua escrita, os efeitos sobre a aprendizagem da língua escrita dos contextos sociais e linguísticos em que ocorrem as atividades orais e escritas, os determinantes linguísticos das dificuldades de aprendizagem da língua escrita, a aprendizagem da escrita e suas relações com as variedades linguísticas (Soares, 1995, p. 10).

Assim a preocupação no meio educacional ganha mais força, principalmente na sociolinguística que mostra através das suas referidas análises, como a escola desenvolveu-se, abordando um leque de variedades, dentre elas o uso de redes sociais e étnicas, sendo elencados como eixos de estudo e debates além do campo educacional.

Desde o seu berço a Sociolinguística, tanto na sua vertente variacionista quanto na sua vertente qualitativa, demonstrou preocupação com o desempenho escolar de crianças provenientes de diferentes grupos étnicos ou redes sociais. Desde então muito tem contribuído para os avanços na pesquisa das questões educacionais em diversos países do mundo, principalmente nas últimas quatro décadas (Bortoni-Ricardo, 2009, p. 218).

Por outro lado, os falantes do meio urbano sofreram com as demais influências no processo social e histórico, transformando os meios padrões da língua tais como a escola, sua literatura e a imprensa, a fala e a escrita, indo muito além com instituições presentes nas cidades que possuem viés social. As influências urbanas dão-se pelo discurso urbano e pode ser caracterizado na visão de Dino Preti (1997) como:

O de um falante de um dialeto social dividido entre as influências de uma linguagem mais tensa, marcada pela preocupação com as regras da gramática tradicional, e uma linguagem popular, espontânea, distensa. Portanto essa hipotética linguagem urbana comum comportaria oposições como a presença de uma sintaxe dentro das regras tradicionais da gramática ao lado de uma discordância, regências verbais de tendência uniformizadora, colocações dos componentes da frase justificadas pelos elementos prosódicos, como no caso dos pronomes pessoais (Preti, 1997, p. 17).

Diante disso, com base nas circunstâncias da adequação e mudanças dos mais variados tipos de linguagens, a escola tem um papel fundamental na ação de desmistificar a

homogeneidade da língua em consonância com a norma culta. Assim, a mesma língua deve ser entendida por todos os falantes se considerada em um espaço que é vasto. Porém, considerando impossível o uso a mesma língua entre todos os habitantes, neste sentido, a autora discorre:

Das sociedades ditas tradicionais, conserva o Brasil pelo menos duas características: a grande variação no repertório verbal e o acesso limitado à norma-padrão. Apresenta, todavia, a característica da fluidez e da permeabilidade típicas das sociedades modernas, que resulta numa situação de um gradiente de variabilidades linguísticas, muito diferente da dialetação discreta e compartimentada das sociedades de castas (Bortoni-Ricardo, 2005, p. 22).

As discussões sobre a sociolinguística escolar definida por Garcez visam a uma abordagem direcionada a uma sociolinguística interacionista sendo linear com a sociolinguística escolar, visando a sala de aula como um espaço de vivências e de uma interação positiva, fazendo prática do uso oralmente ou pelos demais gestos e as devidas interações frente a frente (Garcez, 2002).

Com relação ao uso da variação linguística inserida no contexto escolar, Schmidt (2015) enfatiza a importância do trabalho envolvendo práticas de letramentos em uso, bem como sua função nas instituições públicas de ensino:

O tratamento do fenômeno da variação linguística no ensino/aprendizagem requer um trabalho sistemático com as práticas de letramentos, com os estudos dos diversos gêneros textuais/discursivos, visando o reconhecimento da diferença/diversidade linguística como riqueza na cultura brasileira. As instituições formativas são espaços de interseção entre o saber erudito- científico e o senso comum, sendo que isso deve ser empregado em favor do aluno e da formação da sua cidadania (Schmidt, 2015, p. 361).

As instituições escolares conseguem de fato descentralizar o ensino deixando de ser exclusivo da sociedade elitizada e economicamente ativa. Os espaços nas salas de aula possibilitam exercer uma grande diversidade mediante aos usos linguísticos com suas variações usadas pelos alunos. Por isso, a escola tornou-se um ambiente democrático e amplo, revelando uma variedade linguística sociocultural e política, mas, ainda é considerado um avanço para isso devido à grande atuação tradicional escolar que ressalta o uso do ensino da língua padrão (Oliveir; Cyranka, 2013).

Portanto, o processo de envolvimento da sociolinguística na educação desenvolve-se com fundamental importância a fim de assimilar o papel da escola, da estrutura e

do funcionamento da língua com ênfase na anulação de falares e suas normas ao que ressalta uma verdadeira estigmatização com a variação (Schmidt, 2015).

2 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

Uma pesquisa científica procura, em função do seu teor de expansão e conhecimento, estabelecer uma orientação indicando os procedimentos metodológicos próprios a seguir. Sobre isso, a pesquisa fundamenta-se como básica, porém com aspectos especiais devido a temática apresentada, contribuindo com conhecimentos que devem ser aplicados, não esquecendo dos levantamentos prévios documental, bibliográfico, tratando a devida problemática de forma qualitativa.

Dentre os autores (as) relacionados ao estudo da Sociolinguística estão referenciados nesta pesquisa William Labov (2008), Marcos Bagno (2007), Magda Becker Soares (2005), Márluce Coan (2007), Stella M. Bortoni-Ricardo (2008/2009) e Fernando Tarallo (2005).

Em relação aos procedimentos metodológicos, a sociolinguística procura relacionar o fato linguístico com o fato social, levando em consideração o irreal com o real, bem como sistematizando a variação com base no uso da língua falada (Tarallo, 2005).

A pesquisa qualitativa possibilita ao pesquisador extrair dados diante da teoria, levando em conta a redução de distâncias entre elas, respeitando seu devido contexto perante a fenomenologia como análise, fazendo a complementação de suas ações uma da outra ou individualmente (Teixeira, 2005, p.137).

Para o levantamento quantitativo, os estudos sociolinguísticos evidenciam a variável linguística para a análise dos referidos dados, que devem ser considerados sistemas e conjuntos para a devida mudança na linguística (Borstel, 2002).

Para o devido estudo ser realizado, é necessário compor algumas etapas para direcionar as pesquisas e seus resultados posteriores, seguindo o que dizem Marcos e Lakatos (1999), que sugerem que a pesquisa seja feita por etapas totalmente distintas entre si, complementando, assim, o procedimento metodológico:

(i) Primeira etapa- Identificação do contexto da pesquisa: Para a realização dessa pesquisa, foi devidamente escolhida a Escola Estadual Marly Russo Rodrigues, por fazer parte do Programa de Residência Pedagógica (UFMS) e ser localizada no perímetro urbano, mais

precisamente no bairro denominado Nova Aquidauana, no município de Aquidauana-MS.

(ii) Segunda etapa- Coleta de dados- entrevista: elaboração e solicitação, com base em cinco tópicos/temas propostos pela pesquisadora, que os informantes/alunos suscitam a fala espontânea, seguindo as orientações da obra de Tarallo (2005). Assim, pode-se elaborar e consequentemente extrair os dados sociolinguísticos com os extralinguísticos do perfil dos alunos participantes do 7º ano do ensino fundamental.

(iii) Terceira etapa - transcrição e tabulação de dados: Depois de aplicado o questionário e ter realizado a pesquisa perfazendo assim a extração dos dados linguísticos com os extralinguísticos: em seguida a tabulação e construção de quadros dos informantes-colaboradores/alunos do estudo: perfil sociocultural e apresentar os dados sociolinguísticos.

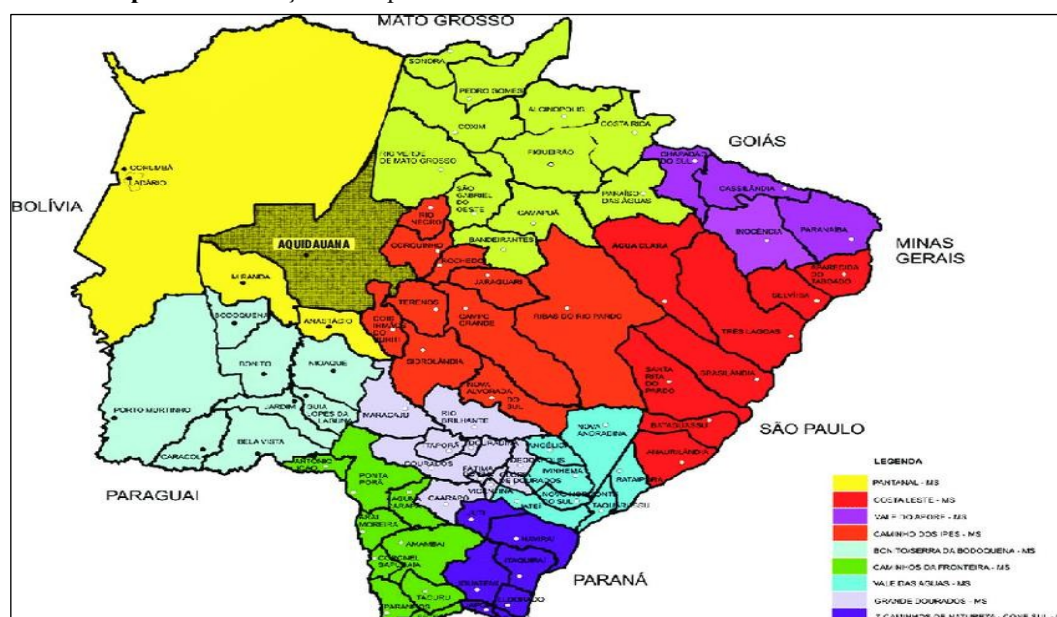
Em relação ao contexto, o município de Aquidauana está situado na Mesorregião dos Pantaneais Sul-Mato-Grossenses e na Microrregião de Aquidauana, assim como está localizada na Serra de Maracaju a 139 km da capital de Mato Grosso do Sul, Campo Grande. Essa região compreende a área norte do Estado, desde o Morrinho do Pimentel, na divisa com Corumbá e Rio Verde, até Anastácio ao sul³ (Mapa 1).

A cidade de Aquidauana é vizinha da cidade de Anastácio, divididas pelo rio que dá o nome à cidade, Rio Aquidauana, sendo também é conhecida por Cidade Natureza, devido à variedade de flora e fauna.

Sobre a referida escola, segundo dados extraídos do censo escolar (Inep, 2022) que informa a devida estrutura da escola como acessibilidade, dependências com acessibilidade, sanitário, com acessibilidade, alimentação fornecida, água filtrada, sanitário dentro da escola, biblioteca, cozinha, laboratório de informática, sala de leitura, quadra de esportes (coberta) e sala de professores.

³ Disponível em: <https://pt.wikivoyage.org/wiki/Aquidauana>. Acesso em: 20 nov. 2023.

Mapa 1: Localização de Aquidauana



Fonte: Disponível em: https://www.researchgate.net/figure/Figura-1-Mapa-de-Mato-Grosso-do-Sul-Brasil-destacando-o-municipio-de-Aquidauana_fig3_331210316. Acesso em: 20 nov. 2023.

Ainda vale salientar que a escola foi fundada no ano de 1989 e funciona na modalidade de ensino regular, oferecendo as etapas do ensino fundamental ao ensino médio e EJA. A escola possui 1.500 alunos e é administrada pelo Governo do Estado de Mato Grosso do Sul (Inep, 2022).

3 APRESENTAÇÃO E DISCUSSÃO DOS DADOS

Para dar início a esta seção, em que se propõe à descrição e à discussão dos dados coletados, vale destacar que houve um contato prévio por parte da pesquisadora com a direção da escola, com o intuito de apresentar os objetivos e procedimentos metodológicos desta investigação.

A partir do consentimento da diretora (ver Anexo 1), foi conduzida a entrevista com alguns alunos em novembro - de 2023. Nessa entrevista constam questões sobre dados pessoais desses colaboradores e questões abertas, com roteiro pré-estruturado para viabilizar a fala espontânea dos informantes. Nesse sentido, a coleta de dados, especificamente a fala dos alunos totalizaram na gravação trinta e três minutos e setenta e sete segundos (33m e 77s), que foram transcritos.

Para compor a pesquisa sobre a flexibilização dos usos sociolinguísticos foi utilizado exclusivamente o ambiente educacional, mais especificamente a sala de aula, onde já estava sendo observada a linguagem e as falas autênticas e a espontaneidade entre os alunos no período da participação no Programa da Residência Pedagógica.

Além dessa vivência e observação *in loco*, para a realização da pesquisa foram selecionados 10 (dez) alunos participantes do 7º ano do ensino fundamental da Escola Estadual Marly Russo Rodrigues que se dispuseram de forma espontânea.

Os alunos voluntários foram devidamente informados que os dados para a pesquisa seriam coletados mediante a gravação da conversa exclusiva entre a pesquisadora e o informante, em ambiente privativo, com a duração aproximada de 05 (cinco) minutos por cada informante e que seguiria um repertório de perguntas das quais desencadearia um texto oral que seria a fonte de análise para compor os dados da pesquisa.

No tocante à etapa de sistematização e descrição dos dados, vale mencionar que foram relacionados com os aspectos extralinguísticos de modo a compor o perfil sociolinguístico dos colaboradores do estudo, conforme quadro de perfil dos informantes a seguir (Quadro 1).

Quadro 1: Perfil dos Informantes

Código do Informante	Idade	Sexo	Ano/turma do Ensino Fundamental	Naturalidade	Grau de escolaridade dos pais
Aluno 01	14	M	7º B	Aquidauana/MS	Não sabe informar
Aluno 02	14	F	7º B	Aquidauana/MS	Pai: 7ª; Mãe: 5ª Ensino fundamental
Aluno 03	12	M	7º B	Aquidauana/MS	Não sabe informar
Aluno 04	12	M	7º B	Anastácio/MS	Não sabe informar
Aluno 05	14	F	7º B	Aquidauana/MS	Mãe: 5ª Ensino fundamental
Aluno 06	14	M	7º A	Aquidauana/MS	Mãe: 2º ano Ensino Médio
Aluno 07	13	F	7º A	Aquidauana/MS	Pai: 9º ano; Mãe: 3º Ensino fundamental

Aluno 08	12	M	7º A	Aquidauana/MS	Mãe: 5º Ensino fundamental
Aluno 09	13	F	7º A	Anastácio/MS	Pai: Ensino médio completo; Mãe: 2º Ensino médio
Aluno 10	12	F	7º A	Aquidauana/MS	Pai: Ensino fundamental completo; Mãe: 2º Ensino médio

Fonte: Autoras (2023).⁴

Em relação ao quadro acima, optou-se por atingir uma mesma faixa de idade de 12 a 14 anos pelo fato de que os alunos estão na etapa da escolarização e que não há diferença de uso entre meninos e meninas, no sétimo ano do Ensino Fundamental, o que não impossibilita o andamento da pesquisa. Outro aspecto refere-se ao sexo dos informantes, ou seja, 05 (cinco) do sexo masculino e 05 (cinco) do sexo feminino, da mesma forma distribuídos entre o 7º ano A e B, assim como a maioria é natural de Aquidauana (8 alunos) e dois são da cidade vizinha (Anastácio).

Dessa forma, na sequência constam os quadros (1 a 5), relativo às 5 (cinco) questões abertas feitas aos alunos, apresentando as respostas dos mesmos. Vale ressaltar que os informantes, para fins de sua anonimização, serão identificados pela categoria aluno (01) até aluno (10). Também, as palavras destacadas e sublinhadas nas falas dos alunos (cf. Quadros de 02-06) merecem ser analisadas levando em conta as variações nos níveis lexical, morfológico, sintático, fonético ou fonológico.

Quadro 02: Descrição do local onde o aluno mais gosta de ficar ou passear

Informante	Transcrição
Aluno 01	Eu moro com a minha vó eu gosto de ficar mais no <u>campim</u> de futebol <u>donde</u> que todo mundo vai joga bola que eu gosto <u>di vim</u> todo dia
Aluno 02	Eu gosto de sai principalmente na casa <u>dus</u> meus amigos eu e minha família sempre lá na lagoa
Aluno 03	gosto de jogo bola eu <u>cum</u> meu irmão eu vou jogar bola com meus amigos eu brinco <u>cum</u> meu sobrinho

⁴ Quantidade de infomantes colaboradores do estudo são 10, sendo 5 do sexo masculino e 5 do sexo feminino, em observância aos pressupostos metodológicos da Sociolinguística quanto a igualdade de participantes de ambos os sexos/gêneros.

Aluno 04	Escola Marly Russo, eu amo a escola Marly Russo, eu não trocaria ela por nada, porque tenho amigos, tem eventos, gosto de estuda, me chama atenção, me incentiva a continuar até o meu futuro.
Aluno 05	O lugar que eu mais <u>gostu di</u> passear la <u>nu</u> centro, eu gosto de <u>passiá</u> lá na quadrinha, gosto <u>di</u> fica sentada, tomando tererê com minhas amiga, volto pra casa arrumo minhas coisa assim mexo no celular
Aluno 06	Nos fins de semana eu gosto de <u>i</u> pra fazenda porque lá tem animais <u>pra</u> eu cuidar e várias coisas de andar de trator, carro, sai <u>pro</u> campo, <u>tocá</u> gado e várias <u>otras</u> coisa. Mexe <u>cum</u> bichos animais tratar, de comer, galinha, porco e várias outras coisas, mexia com muitas outras coisas, cuidar <u>di</u> planta, na fazenda, mexer com oficina, e cavalo. Tenho amigos a gente brinca, chega tarde, joga bola brinca de pega, pega
Aluno 07	Faço nu fim <u>di</u> semana vô <u>passa</u> na lagoa. Gosto de <u>i</u> lá pra corre, eu gosto de saí, ficá em casa também. Eu gosto de ficá <u>im</u> casa sozinha. Não, é porque eu tenho treis irmãos e são <u>tudu piqueno</u> . Aí fica o dia inteiro <u>mi</u> enchendo o saco aí quando meu pai vai sai pra buscá minha mãe. Aí eu gosto <u>di</u> fica sozinha em casa. Também gosto de sai <u>cum</u> minhas amiga, <u>cum</u> minha mãe também, <u>cum</u> o meu pai. Ela faz caminhada. Meu pai <u>tá</u> tentando emagrece. Porque ele é muito bonito.
Aluno 08	Eu gosto de joga pingue-pongue, joga bola e anda um pouco. Eu fico deitada assistindo TV, as <u>veis</u> eu saio pra anda um pouquinho aí eu volto aí vou <u>durmi</u> . Moro com a minha mãe, minha família, <u>bastanti genti</u> .
Aluno 09	Passo o tempo com meus pais. De <u>veiz</u> em quando porque <u>us</u> meus pais tão muito ocupados e trabalha bastante
Aluno 10	Eu gosto <u>di</u> saí ficá em casa sozinha, <u>di</u> saí <u>cum</u> minhas amigas, <u>tudu mi</u> apoia, <u>mi intendi</u> .

Fonte: Autoras (2023).

Conforme se verifica nas falas dos informantes do Quadro 02 acima, o número de ocorrências de algumas variantes que merecem destaques devido aos usos demonstrados com maior frequência são: *dus*, *cum*, *di*, *nu*, *mi*, *im*. E ainda as variantes com menos frequência: *campim*, *donde*, *vim*, *gostu*, *passiá*, *tocá*, *otras*, *tudu*, *piquenu*, *durmi*, *bastanti*, *genti*, *veiz* e *intendi*.

Considerando isso, no tocante aos usos sociolinguísticos de alguns alunos, seguem os recortes dos alunos 01 ao aluno 10:

A) campim (Aluno 01): A expressão “no campim de futebol” apresenta uma variação linguística morfológica comum nos diminutivos das falas informais, de modo que o uso do im em lugar do nho para compor a palavra campinho não traz dificuldade para o entendimento do sentido da palavra, o que indica um registro linguístico informal e típico de falas espontâneas. Em contextos formais na escrita padrão, é apropriado utilizar a forma linguística de maior prestígio “no campinho de futebol”.

B) As expressões: di (Aluno 05): “eu gosto di vê todo dia” em vez de “eu gosto de ver todo dia”; dus (Aluno 01): “na casa dus meus amigos”, em vez de “na casa dos meus

amigos”; **cum**(Aluno 07): “**cum** meu irmão”, em vez de “com meu irmão”; **im** (Aluno 01): “**im** casa sozinha” em vez de “em casa sozinha”; e **mi**(Aluno 03): “o dia inteiro **mi** enchendo” em vez de “o dia inteiro me enchendo”

A palavra ‘di’ pode ser considerada como uma variação fonológica da preposição **de**, praticamente usada em muitos contextos em que ocorre o uso de falas espontâneas. Essa forma de expressão é comumente utilizada em quase todas as regiões do Brasil em contextos informais de interlocução, e, conforme Bagno (2007, p. 39), “o som da pronúncia das palavras que podem ser realizadas de diferentes maneiras, dependendo do grau de instrução do indivíduo”. Nesse caso, a expressão que corresponde a variante na língua padrão usada na escrita formal seria “eu gosto de ver todo dia”.

C) **dus** (Aluno 01): Na expressão “na casa **dus** meus amigos”, a palavra ‘dus’ é uma variação fonética da preposição “dos”, sendo que também pode ser considerada característica de alguns dialetos e registros da oralidade informal da língua portuguesa utilizada pelos falantes. Esta variação reflete uma descontração fonética característica da linguagem coloquial, contudo, não é uma forma aceita na escrita diante da norma culta da língua portuguesa.

D) **cum** (Aluno 07): A expressão “**cum** meu irmão”, em vez de “com meu irmão” segue a mesma regra de uso das conversas espontâneas onde não há necessidade de formalidade ou uso de uma norma considerada de prestígio, detendo-se em uma questão estilística informal.

E) **im** (Aluno 01): A expressão ‘**im** casa sozinha’ apresenta a mesma variação linguísticas de falas informais, em que consta o ‘im’ (forma linguística da variante menos prestigiada) em vez de em (forma linguística de maior prestígio). A utilização de ‘im’ é uma variação fonética e ortográfica, refletindo uma pronúncia mais informal da preposição “em”. Essas variações indicam um registro linguístico mais informal e típico de falas espontâneas.

F) **mi** (Aluno 03): Na expressão “Aí fica o dia inteiro **mi** enchendo”, a palavra ‘mi’ é uma variação da palavra ‘me’. Em algumas regiões do Brasil, especialmente em contextos informais de diálogos, é comum a troca de ‘me’ por ‘mi’. Isso é uma característica de alguns dialetos regionais e não considerado padrão na norma culta da língua portuguesa.

Portanto, para uma classificação mais específica, ‘mi’ pode ser considerado como uma variação coloquial e regional da forma padrão ‘me’ utilizada para indicar a ação reflexiva ou pronominal na linguagem informal.

G) **Bastanti Genti** (Aluno 01): Na expressão ‘**bastanti genti**’, a palavra ‘bastanti’ e ‘genti’ são variações fonológicas de menos prestígio usada em falas espontâneas de certas culturas, mas que não impede que seus locutores entendam o sentido proposto.

H) **donde** (Aluno 01): A expressão “**donde** que todo mundo vai jogar bola” apresenta algumas variações linguísticas que são típicas de alguns dialetos regionais e registros informais da língua portuguesa, é uma variação que, embora seja compreensível, é menos comum em certos núcleos sociais. Em uma construção escrita formal, seria esperado algo como "de onde que todo mundo vai jogar bola". Assim a expressão reflete um registro linguístico coloquial de contextos de falas informais.

I) **Pra eu** (Aluno 01): A expressão ‘**pra eu** cuidar’ apresenta uma variação estilística encontrada na fala popular informal. Esse metaplasmo: síncope da palavra “para” envolve a contração morfológica da preposição "para" com o pronome pessoal ‘eu’, resultando em ‘pra’, que é uma forma coloquial e mais simplificada. As variações da expressão ‘pra eu’ ocorrem principalmente nos níveis sintático (pela contração da preposição) e fonético/fonológico (pela mudança na pronúncia da preposição), enquanto o nível morfológico permanece inalterado. Essas variações são características de uma linguagem mais casual e coloquial.

Nas palavras de Bagno (2007) esse uso revela os diferentes modos da fala que consideram o contexto de uso, os interlocutores e o grau de (in)formalidade. A escolha entre as formas, ou melhor, o comportamento linguístico dos falantes dependerá do contexto de comunicação e do registro de linguagem adequado para a situação e tem seu uso monitorado.

A forma padrão da expressão “**para eu**” não apresenta flexão morfológica, sendo uma construção sintática frequentemente usada na língua padrão do português brasileiro. A pronúncia padrão de “para eu” não apresenta variações significativas na fonética/fonologia, sendo usada em diversos contextos, tanto falados quanto escritos.

Quadro 3: Resumo sobre a escola, amizade, namoro e religião

Informante	Transcrição
------------	-------------

Aluno 01	Na <u>iscola</u> o que eu mais gosto é <u>di</u> Matemática. Educação física. As que eu mais gosto. Tenho duas irmã e um irmãozinho. Minha irmã de dezesseis anos, minha irmã de nove e meu irmãozinho de um ano e acho que um ano <u>i</u> nove <u>meis</u> . não penso em namora ainda, religião que tenho é confiar em Deus.
Aluno 02	Não tenho namorado. Não, eu não namoro. tenho alguns amigo, minha família. Igreja Sim. Eu vou pra igreja, lá é cristã. Pentecostal, eu preciso participa de alguma, sim eu participo do movimento do grupo <u>di</u> jovens que é bem comum.
Aluno 03	A escola é boa, tenho poucos amigos, mas <u>num</u> quero sabe nem de namorar, prefiro fica sozinha . De <u>i</u> na Igreja Não. <u>Num</u> gosto.
Aluno 04	A escola eu gosto, num namoro, amizade fiz alguma principalmente Banda na <u>iscola</u> aqui no Marli. E eu gosto muito <u>deis du</u> primeiro dia que eles colocaram o convite eu já sei porque eu acho que seria legal isso participei <u>di</u> alguns desfiles, apresentação. Tenho amigos sim vários acham legal na igreja participava da igreja também.
Aluno 05	Gosto da minha escola Marly, Num namoro só algumas paquera, amizade tenho também eu gosto mais de eu vou pra igreja, tem <u>veis</u> com a minha vó, não muito mais ainda vô.
Aluno 06	aqui na <u>iscola</u> eu gosto de <u>andá</u> , gosto de estuda um <u>poco</u> , mas <u>pur</u> mais que eu mais gosto mesmo é <u>di</u> estuda matemática eu sou um <u>poco</u> mais concentrado <u>porque</u> matemática eu acho uma coisa assim de alguma uma coisa que <u>quais</u> ninguém gosta, porque a matemática é mais difícil e eu já gosto na matemática. Amizade não tenho muito <u>porque</u> amizade mesmo que a gente na hora que a gente <u>precisa</u> eles não socorre a gente então pra fala bem a verdade eu não tenho amizade, eu tenho a religião sô católico. É isso aí. Meus pais <u>tamém</u> minha vó é da igreja costume <u>i</u> na igreja <u>nus domingo</u> , <u>nu</u> sábado, tem <u>di</u> noite, final de semana <u>tamém</u>
Aluno 07	aqui na escola eu gosto de andar, gosto de estudar, um pouco amigos, não namoro, não sou de religião.
Aluno 08	Num gosto muito <u>di</u> iscola, amizades pouca, <u>num</u> namoro e <u>num</u> tenho religião.
Aluno 09	na escola eu me sinto bem, eu acho legal vim pra escola é bem legal que aí você pode aprende se alguém na vida e é bem legal <u>porque</u> você aqui <u>incontra</u> com meus amigo também, bastante amigas <u>porque</u> elas tipo assim a gente se senta uma perto da <u>otra</u> , a gente conta um segredo para <u>otra</u> . Então confio nelas eu não gostu quando ficam falando mal de mim, num namoro não dá futuro, e não curto essas ideias de igreja.
Aluno 10	Tenho meus amigo que me apoiam em tudo me entende? Que ficam <u>falandu</u> da minha vida, aqui da escola até a hora do recreio do almoço <u>tudu</u> . Porque eu posso fica na sala, eu posso mexe no meu celular, posso ir busca ali <u>conversandu</u> com minhas amiga. Não tem que copiá, <u>num</u> namoro e nem frequento igreja.

Fonte: Autoras (2023).

No quadro 03 encontram-se as seguintes incidências:

A) iscola (Aluno 03): A expressão “Na iscola o que eu mais gosto” apresenta algumas variações linguísticas fonológicas informais que na norma de prestígio, na forma escrita, somente é entendida por “escola” por esse motivo não é considerada padrão na norma culta. Essa variação é típica de alguns dialetos regionais.

B) num (Aluno 02): A expressão, "mas num quero sabê nem de namorar" apresenta variação linguística morfológica típica da informalidade "num" em vez de "não, já o “sabê”

em vez de "saber" é uma característica fonológica e coloquial do verbo "saber". Em alguns contextos de discursos informais, devido às marcas de oralidade, é comum a eliminação do "r" final. Em situações mais formais ou na escrita padrão, o apropriado é utilizar as formas convencionais como "não quero nem saber de namorar".

C) **tamém** (Aluno 02): Em algumas regiões do Brasil, a palavra "**tamém**" é uma variante informal da palavra "também". A expressão "Meus pais tamém minha vó é da igreja" apresenta variação linguística usada em dialetos populares regionais. Essa variação linguística é característica da linguagem popular. Em situações mais formais ou na escrita padrão, seria mais apropriado utilizar formas convencionais, como "Meus pais também, minha avó é da igreja".

Quadro 4: Falar sobre algo que te incomoda

Informante	Transcrição
Aluno 01	Acidente
Aluno 02	Já passei por algumas situações na escola que me deixou incomodada <u>inventaro</u> uma falsa acusação sobre mim. Eu tentei explica para a diretora, ela me compreendeu bem. E <u>nois resolvemo</u> a situação.
Aluno 03	os professor
Aluno 04	Já vários acontecimento como: teve um <u>meninu</u> lá onde eu morava e <u>falaro</u> assim, só que não era pra <u>mexe</u> com ele porque era preto aí eu não liguei eu fui eu fui fala com ele deixei fala com ele. Aí eu falei <u>pro meninu</u> que ele <u>num podia se</u> racista. Que todos somos iguais e que a pessoa que estava lá triste não se não fica triste, não fica com essas coisa
Aluno 05	O que incomoda na minha vida é <u>qui</u> as pessoa <u>mi</u> compara com outras pessoa <u>mi</u> julga também por isso que eu <u>num</u> gosto, fica <u>mi</u> criticando, minha vó me compara, me <u>comparo</u> com a minha amiga, fala, aí família... tão desconfortável, não sei o que você é tão ruim, eu não gosto. aí a pessoa fala mal <u>di</u> mim, assim, eu <u>num gostu</u>
Aluno 06	A minha avó <u>num tá</u> boa, <u>di</u> saúde ela <u>num</u> anda muito bem, Que tem uns <u>pobrema</u> , minha vó <u>num</u> é muito bem <u>di</u> saúde. Mas tem muitas coisa que ela tem, ela anda. Mais ela sente muita dor nas costa, <u>nu</u> juelho, dor <u>di</u> cabeça e muitas coisa aí quando eu <u>tô</u> do lado dela pra ajuda ela eu ajudo.
Aluno 07	o bullying pra mim é quando a pessoa fala alguma coisa assim que dói muito <u>nu</u> coração de <u>otra</u> pessoa que passa e sofre por bullying
Aluno 08	minha família
Aluno 09	saudade do meu <u>vô</u> juntamente <u>cum</u> a minha vó, ela que <u>mi</u> crio <u>cum</u> meu pai e <u>cum</u> meu vô <u>desdi</u> pequena. E aí o meu vô faleceu. Aí <u>fico</u> só ela. Aí fiquei bem <u>tristi</u> ! <u>Purque</u> eu gostava dele, ele <u>mi</u> crio. Eu <u>gostu</u> bastante dele
Aluno 10	Eu num gostu muito di aglomeração

Fonte: Autoras (2023)

A) **pobrema** (Aluno 01): A expressão "uns pobrema" em vez de "uns problemas"

apresenta variações linguísticas regionais em que a pronúncia a utilização de "pobrema" é uma variação fonológica que se distingue da pronúncia da palavra correta pela omissão ou substituição do "l" pelo "r". Essas variações indicam um registro linguístico de informalidade característico de situações de falas coloquiais. Em contextos formais ou na escrita padrão, o apropriado seria utilizar formas mais convencionais, como "alguns problemas".Ocasionalmente um rotacismo.

B) **Desdi, tristi, porque** (Aluno 09): estas palavras denotam fala coloquial oriundas de comunidades de fala com característica extralinguística, geralmente diálogos que fazem uso destas palavras são produzidos em ambientes descontraídos embora estejam fora das normas de prestígio. Neste caso o ideal na escrita será: “desde, triste, porque”.

Quadro 5: Fala sobre algo que te agrada

Informante	Transcrição
Aluno 01	Di te uma mansão.
Aluno 02	eu nu futuro praticamente gostaria de faze faculdade, que a área qui eu gostu muito, que é na criminologia. Porque eu gostu di resolve mistérios, eu gosto de procura sabe a verdade
Aluno 03	di um dia compra carro pra meu pai
Aluno 04	curso di direito
Aluno 05	Cachorru, gatu. Tem um cachorru, u nome dele é Bob eu gostu muito dele. Brincu cum ele, ele pega us brinquedo, eu ensino, ele obedeci
Aluno 06	A única coisa que eu gosto muito mesmo é de estuda um pouco, quero te um futuro bom pra frente, estuda, e te um futuro. E se um ingenhero . Trabalha na fazenda, mexe com lavora.
Aluno 07	eu gostu de le livros. Já li muito. É um livro, li sobre o Ratinho, sobre o morango, sobri u mundo da invenção e o outro. A leitura é muito boa
Aluno 08	Algumas comida como. Espaguete. E amizade pur perto e não fica sozinho. E quando queru mi forma em agropecuária, porque eu achu legal, né , mexe com as planta, os negócio.
Aluno 09	Também gosto de me diverti com a minha irmã, quando eu não tenho nada pra faze brincu di boneca cum ela, né? Porque deisdi piquinininha so apaixonada numa bebe riborgui sempre sempre meu sonho e até hoji eu queru .
Aluno 10	di faze um passeio, viaja, viaja pro Japão, porque é um país muito bonito lá eu admiro bastante o país achu muito bonito muito tecnológico bem avançado lá também né ?

Fonte: Autoras (2023).

A) **deisdi** (Aluno 09): A expressão "Porque **deisdi** piquinininha" contém algumas variações características das falas espontâneas e informais "deisdi" em vez de "desde": Essa é uma variação fonética comum em alguns dialetos regionais do Brasil, onde a forma usual da palavra "desde" pode ser pronunciada como "deisdi." "piquininha" em vez de "pequeninha": Aqui, temos uma alteração fonética na palavra "pequeninha," que também é comum em linguagem informal.

Essas variações indicam um registro linguístico coloquial e informal, comum em situações de linguagem em falantes diante de um ambiente de descontração. Em contextos mais formais ou na escrita padrão, seria mais apropriado utilizar as formas corretas, "desde" e "pequeninha." A escolha entre as formas dependerá do contexto de comunicação e do registro de linguagem apropriado para a situação.

B) **hoje** (Aluno 01): "**hoji**" e "em vez de "hoje": Essa é uma variação fonética comum em alguns dialetos regionais do Brasil, onde a forma coloquial permite a troca da vogal "e" pela vogal "i", e serve de elo de ligação entre unidades comunicativas.

C) **né** (Aluno 01): A expressão "**ne**" em vez de "não é" "lá também né?", neste caso, o uso correto dentro das normas da língua portuguesa padrão seria "lá também, não é?". A construção da pergunta com a expressão "lá também né?". É uma forma comum de uso nas conversas informais muito usadas para se expressarem assim definido com marcador conversacional.

Essas variações indicam um registro linguístico, típico da oralidade e, possivelmente, influenciado por dialetos regionais. Em contextos mais formais ou na escrita padrão, seria mais apropriado utilizar a forma de escrita convencional.

Quadro 6: Falar sobre o que mais gosta de fazer

Informante	Transcrição
Aluno 01	Eu gostu mais di fazenda. Lá na fazenda faiz o trabalho di campu, ajudu meu pai, laço u bizerro, frango caipira, eu gosto de come farofa e macarrão troperu.
Aluno 02	Eu gostu de iscutá musica, minha cumida preferida é lasanha, eu gostu di assisti, assisto muito
Aluno 03	macarrão cum presunto e mussarela, e lasanha, e macarrão a alhu i óleo -

Aluno 04	Gosto muito de <u>i</u> na escola marly russo -
Aluno 05	passa lá nu centro
Aluno 06	de <u>i</u> na fazenda nus fim di semana -
Aluno 07	<u>cum</u> meu pai. Ele faiz caminhada a mãe não
Aluno 08	Jogá bola
Aluno 09	<u>I</u> com minha mãe na casa <u>du</u> amigo dela <u>pur</u> causa da piscina.
Aluno 10	u convívio familiar pra final <u>di</u> semana saímos mas <u>nu</u> domingo <u>porque</u> a minha mãe trabalha aí <u>nu</u> domingo ela fica im casa <u>di</u> folga e aí vamu na Lagoa Cumprida toma tereré.

Fonte: Autoras (2023).

A partir dos dados sistematizados nos quadros (2-6), segue o último quadro (Quadro 7) que procura apresentar os cinco usos mais recorrentes nas falas dos alunos participantes do estudo.

Quadro 7: Usos linguísticos encontrados com maior frequência

Palavra ou expressão	Quantidade de ocorrências	Tipo de variação intralinguística	Tipo de variação extralinguística
<i>di</i>	33	fonológica	diatrática(social)
<i>pra</i>	17	morfológica	diafásica (estilística)
<i>num/cum</i>	16/14	morfológica	diatrática (social)
<i>gostu</i>	11	fonológico	diatrática (social)
<i>nu</i>	11	fonológica	diatrática (social)

Fonte: Autoras (2023)

Com base nos registros acima, podemos retificar que a língua como de natureza heterogênea, viva e dinâmica, está em constante movimento e variação, podendo acarretar diversas mudanças linguísticas no decorrer da sua história. Nesse sentido, verifica-se que essas alterações ocorrem em diferentes níveis da língua, sendo que, em sua maioria são fenômenos ou processos fonológicos, também chamados de metaplasmos, decorrentes dos diferentes usos e interações feitas pelos próprios falantes, no caso, do português brasileiro.

A partir dos dados, pode-se inferir que, nesse contexto, foi possível verificar que os usos sociolinguísticos de alguns alunos do 7º ano do Ensino Fundamental condizem com a realidade da fala informal, já que estes falantes já foram introduzidos ao convívio com a norma padrão.

Dessa forma, podem fazer esta alternância em suas falas aproximando ou distanciando da norma padrão e sempre serão entendidos pelos ouvintes sem comprometer o diálogo e a comunicação. Essa valorização contribui não só para o desenvolvimento da linguagem, mas também para a construção de uma sólida identidade linguística e cultural.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Levando em consideração a flexibilização dos usos sociolinguísticos para estudantes do 7º ano da Escola Estadual Marly Russo Rodrigues no município de Aquidauana-MS, podemos tecer algumas considerações finais sobre a importância dessa análise do processo educativo.

A análise sociolinguística revelou a existência de diversidade linguística entre os estudantes, enfatizando o valor da flexibilização dos usos linguísticos para uma educação mais inclusiva e eficaz. O contexto sociocultural de Aquidauana-MS também desempenha um papel crucial na compreensão das diferentes variações linguísticas presentes na sala de aula.

Ao promover a flexibilização dos usos sociolinguísticos, observou-se um avanço na consciência linguística dos estudantes. Eles passaram a compreender melhor a diversidade linguística como um reflexo da riqueza cultural presente em sua comunidade, contribuindo para uma visão mais abrangente e respeitosa das diferentes formas de expressão linguística.

A abordagem flexível possibilitou aos alunos expressarem-se naturalmente, de forma espontânea e vernacular, usando suas próprias variantes linguísticas, o que resultou em um ambiente mais inclusivo e valorizou as identidades linguísticas locais.

Retomamos as palavras de Bortoni-Ricardo (2009, p. 218) ao enfatizarem que a Sociolinguística, desde sua gênese, mostrou “preocupação com o desempenho escolar de crianças provenientes de diferentes grupos étnicos ou redes sociais” e da sua contribuição teórico-metodológica, sobretudo no tocante às pesquisas voltadas às questões educacionais no Brasil.

Diante disso, pode-se concluir que a flexibilização dos usos sociolinguísticos capacitou os alunos para se comunicarem de forma mais eficiente e inclusiva. Ao compreenderem e utilizarem diferentes formas de linguagem em diversos contextos, os estudantes estarão mais preparados para interagir em situações sociais distintas, tanto dentro como fora do ambiente escolar.

É fundamental reconhecer que a flexibilização dos usos sociolinguísticos pode enfrentar resistência e desafios, principalmente em ambientes educacionais mais conservadores. No entanto, os benefícios observados indicam que esses desafios podem ser superados com uma abordagem progressista e um diálogo constante entre educadores, alunos e comunidade.

A experiência vivenciada na Escola Estadual Marly Russo Rodrigues sugere a necessidade de incorporar práticas flexíveis de ensino da língua em outros níveis educacionais. A continuidade desse trabalho pode fortalecer não apenas as habilidades linguísticas, mas também a identidade cultural e o sentimento de pertencimento dos alunos.

Finalmente, a flexibilização dos usos sociolinguísticos mostrou ser um método pedagógico valioso para os alunos do 7º ano da Escola Estadual Marly Russo Rodrigues em Aquidauana-MS. Ao reconhecer, valorizar e adaptar-se à diversidade linguística presente, a educação promove não só o desenvolvimento linguístico, mas também a inclusão, o respeito à identidade cultural e a preparação para uma comunicação mais eficiente em uma sociedade cada vez mais diversificada.

REFERÊNCIAS

- ALVES, Vanessa Severo V. Alves. **Variação Linguística em Sala de Aula: Prática Pedagógica dos Professores do Ensino Fundamental do 1º ao 5º Ano**. Monografia apresentada ao curso de Licenciatura Plena em Letras da Universidade Federal Rural de Pernambuco, Unidade Acadêmica de Serra Talhada, Licenciatura Plena em Letras, 2019.
- BAGNO, Marcos: **Nada na língua é por acaso: por uma pedagogia da variação linguística**. São Paulo: Parábola. 2007.
- _____. **Preconceito linguístico o que é, como se faz**. 49a edição, São Paulo: edição Loyola, Brasil, [1999] 2007.

- BORTONI-RICARDO, Stella Maris. **Educação em língua materna: A sociolinguística na sala de aula**. São Paulo: Parábola Editorial, 2004.
- _____. **Sociolinguística & educação**. São Paulo: Parábola, 2005.
- _____. **Educação em língua materna: A sociolinguística em sala de aula**. 6. ed. São Paulo: Parábola Editorial, 2009.
- BORSTEL, Clarice Nadir Von; **Letras e Línguas**; Volumes 2 e 1 Números 6 & 7 2o Semestre/2002 1o Semestre/2003.
- BRASIL. Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira (Inep). Resumo Técnico: **Censo Escolar da Educação Básica 2022**.
- CYRANKA, L. F. M. Uma perspectiva sociolinguística para o trabalho escolar com a língua materna. In: MIRANDA Sonia Regina; PACHECO, Luciana Marques. (Org.). **Investigações: experiências de pesquisa em educação**. Juiz de Fora: EDUFJF, 2009. p. 49-61.
- COAN, Márluce. Conjecturas sobre mudança linguística. Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC). **Interdisciplinar** v. 4, n. 4 - p. 9-21 - Jul/Dez de 2007.
- COELHO, P. M. C. R. **O tratamento da variação linguística nos livros didáticos de português**. 2007. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Universidade de Brasília, Brasília.
- DANTAS, Karla Samara Abrantes Viana. **A sociolinguística em sala de aula: análise da variação linguística no repertório do professor e do aluno do 9º ano do ensino fundamental**, 2017. Acesso no dia 25/08/2023.
- GARCEZ, Pedro M; RIBEIRO, Branca Telles; (Org.). **Sociolinguística Interacional**. São Paulo: Loyola, 2002.
- LABOV, William. **Padrões Sociolinguísticos**. Traduzido por Marcos Bagno, Maria Marta Pereira Scherre, Caroline Rodrigues Cardoso. São Paulo: Parábola Editorial, 2008.
- MARCONI, Marina de A.; LAKATOS, Eva Maria. **Técnicas de Pesquisa: pesquisa, planejamento e execução de pesquisas, amostragens e técnicas de pesquisa, elaboração, análise e interpretação de dados**. 4ª ed. Revisada e ampliada. São Paulo: Atlas, 1999.
- MOLLICA, M.C. Fundamentação teórica: conceituação e delimitação. In: MOLLICA, M.C.; BRAGA, M.L. (Orgs.). **Introdução à Sociolinguística: o tratamento da variação**. 2. ed. São Paulo: Contexto, 2004. p. 9-14.
- MONTEIRO, José Lemos. **Para compreender Labov**. Petrópolis: Vozes, 2000.

- OLIVEIRA, Luís Carlos de; CYRANKA, Lúcia Furtado de Mendonça; Sociolinguística educacional: ampliando a competência de uso da língua. **Soletras**, N. 26 (jul.-dez. 2013) ISSN: 2316-8838 DOI: 10.12957/soletras.2013.7392.
- PRETI, D. A propósito do conceito de discurso urbano oral culto: a língua e as transformações sociais. In: _____. (Org.). **O discurso oral culto**. São Paulo: Humanitas/FFLCH/USP, 1997.
p. 17-27.
- RODRIGUES, A. D. **Problemas relativos à descrição do português contemporâneo como língua padrão no Brasil**. In: BAGNO, M. *Linguística da norma*. São Paulo: Loyola, 2002. p. 63-90.
- SCHMIDT, Cristiane. Língua: na perspectiva da mudança e da diversidade. **Web-Revista Sociodialeto**, v. 5, n. 15, 2015, p. 360-363.
- SOARES, Magda Becker; **Língua escrita, sociedade e cultura Relações, dimensões e perspectivas Faculdade de Educação**. Universidade Federal de Minas Gerais Trabalho apresentado na XVII Reunião Anual da ANPED, Caxambu, outubro de 1995.
- TARALLO, Fernando. **A Pesquisa Sociolinguística**. 7ª. Ed. São Paulo: Ática, 2005.
- TEIXEIRA, Elizabeth. **As três metodologias: acadêmica, da ciência e da pesquisa**. Petrópolis–RJ: Vozes, 2005.